

PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcêa (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (A. IX)



Anno III

Florianópolis, 13 de Setembro de 1919

Num. 4

Diario da Filha de Maria Floresçamos onde Deus nos semeou!

(Versão do francez por Mary)

I.

Não, não é por acaso, ó minha pobre alma, que tu vives nesta situação de fortuna — neste estado de saúde — nesta casa em que habitas — com essas pessoas que constituem tua família — submettida a esse trabalho que te pesa e te cança por sua continuidade, e suas dificuldades.

Deus não é esse *semeador* que abre simplesmente as mãos cheias de grãos, deixando á brisa que passa o cuidado de as espalhar pela terra homida ou pela secca areia.

Deus é o *semeador providente* que prepara antecipadamente um sulco, que nesse sulco faz um lugarzinho, e nesse lugarzinho, á hora propicia, colloca delicadamente o grão que elle quer ver germinar.

Oh! não murmures, minha alma! O lugar que occupas é o lugar que te convem, por ter sido escolhido e preparado para tí pelo bom Deus.

A ORAÇÃO

Em uma pequena cidade vivia uma pobre, mas honesta familia, cujo chefe ganhava o necessario para o sustento dos seus.

Um dia, porém, a infelicidade bateu á porta dessa familia, roubando-lhe o pae, que foi victima de um incendio, na fabrica em que trabalhava.

Abandonada, e na miséria, ficou a viuva com 6 filhos e sua velha mãe.

A filha mais velha contava 12 annos e era franzina e pallida, não podendo quasi ajudar sua mãe.

Zilda, assim se chamava a menina, era muito piedosa, e não passava um dia em que não assistisse á missa e não recebesse o pão dos fortes:

A viuva, que se chamava Eugenia, trabalhava para sustentar os filhinhos, por isso, embora tivessem pouco, nunca passaram fome.

Aconteceu, porém, que D. Eugenia cahiu doente, e, não podendo trabalhar, ficaram sem um unico vintém!

As creanças, chorando, pediam que lhes dessem um pedaço de pão para matar a fome!

Esses pedidos eram sempre um golpe para o coração da pobre mãe, que não podia conceder o que lhe pediam, e isso augmentava os seus sofrimentos.

Zilda, deixando um dia sua mãe e seus irmãos, dirigiu-se á igreja e lá orou em voz alta, dizendo:

Oh! bom Deus! Vós, que sois tão misericordioso, e que, por Vossa vontade, levastes o querido papae, vede: agora estamos soffrendo fome! Compadecei-vos de nós, Pai do Céu!...

Nessa occasião, entrando o Sr. Costa na igreja, ouviu a prece da creança, que parecia um anjo, assim piedosamente ajoelhada ao pé do altar.

Quando ella terminou a oração e dirigiu-se para casa, o Sr. Costa acompanhou-a de longe e viu-a entrar em um miserô casebre, á beira da estrada.

Voltando á sua casa, contou á esposa o que tinha acontecido, e pouco depois foram ambos levar recursos para a pobre familia.

Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas:

Anno	4\$000
Mez	\$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 2\$000.

D. Eugenia, admirada quando viu entrar aquellos senhores extranhos, perguntou: Quem sois vós? Com certeza vos enganastes, porque moro aqui com meus filhinhos, e vivemos desprezados e na maior miseria.

Então o Sr. Costa explicou-lhe tudo, dizendo: Foi a oração daquella anjo que moveu o meu coração; nós vimos aqui dar-vos o necessario allivio.

D. Eugenia, os filhos e sua velha mãe, cheios de commoção, agradeciam aos bemfeitores e abraçavam a pequena Zilda, que os salvára da miseria e da fome.

D. Eugenia, quando se restabeleceu, foi trabalhar na casa do Sr. Costa, deixando as creanças com sua mãe.

Zilda foi educada junto com a filha daquelle Sr. e tornaram-se muito amigas.

Daquelle dia em diante nunca mais soffreu fome aquella familia, que nunca deixou de dar graças a Deus pelo favor recebido.

Quanto vale a oração de uma creança!...

A. P.

RECEITAS

Nhoque

Dez colheres de massa de batatas, tres de farinha de trigo, uma de manteiga, tres ovos inteiros e sal. Mistura-se tudo até ficar bem ligado, e, depois de passar farinha de trigo na taboa, faz-se da massa um rolo da grossura de um dedo e corta-se em pedacinhos. Põe-se agua com sal numa caçarola, e, quando ferver, deitam-se-lhe os pedacinhos da massa; subindo á tona dagua, estão cosidos. Tirados então com uma escumadeira, põem-se numa peneira para escorrer. Arruma-se no prato uma camada de massa e polvilha-se com queijo Parmezão ralado, e sobre o queijo um bom molho de carne, e assim em camadas até acabar.

Adaluis

Biscoito flor de chá.

3 ovos, 1 colher (de sopa) de sal amoniac, erva doce, canella em pó, 250 grammas de assucar, 250 grs. de manteiga; depois de tudo bem misturado, junta-se-lhe a maizena até ficar no ponto de enrolar os biscoitinhos.

Creadas aristocraticas

Comédia em 3 actos

Adaptação de Edésia Aducci

—o—

PERSONAGENS:

D. Emilia Dalben, baroneza.

Zuleika, sua filha.

Amelia, Anastacia, Genoveva e Anna, creadas

Baroneza Flériot.

Condessa Zurbaran.

Wilma, amiga de Zuleika.

—o—

D. Emilia — Como há hoje festa na aldeia, estão de folga minhas criadas, com excepção de Amelia. Wilma e Zuleika, quem então ter a bondade de me ajudar um pouco?

Wilma — Pois não.

Zuleika — Com muito gosto.

D. Emilia — Venham, queridas amigas, sentem-se para tomar uma chávena de chá (Sentam-se todas, mas Wilma e Zuleika, só depois de terem servido as outras; D. Emilia e a filha designam os logares. Depois que estão sentadas, D. Emilia diz á baroneza e á condessa) Nossas caras hospedas não falam portuguez, porém entendem um pouco, por isso peço, que falem portuguez, sem receio.

C. Zurbaran — (a Genoveva) De que logar da Italia é a Marqueza?

Genoveva — (atrapalhada) Ora seja... (tapa a bocca com a mão).

C. Zurbaran — Queria perguntar onde nasceu V. Exia.

Genoveva — (com receio) Picco-lo, si... si... nora!

C. Zurbaran — (admirada) Piccolo? Eu não sabia que há na Italia um logar com este nome!

B. Flériot — (a Anna) Como é o seu nome, Signorina? Há pouco não entendi bem!

Anna — (levando a comida á bocca) Mi... caro... mi cara camina.

B. Flériot — Há pouco entendi outro nome.

D. Emilia — (a Anna, soprando) Amoretta Di Tanti Palpiti.

Anna — Ammletta Di Tanti Pa...pa...lito...

D. Emilia — (sopra) Di Tanti Palpiti.

Anna — (atrapalhada) Di Tanti Pa... Di Tanti Papetri...

B. Flériot — (á C. Zurbaran) Que nome extranho, não, cara amiga?

C. Zurbaran — Sim!, bem extranho!

Anastacia — (á condessa) Que lindo dia faz hoje, não acha?

C. Zurbaran — V. Alteza tem razão.

Wilma — (sentando-se perto de Anastacia) Onde reside V. Alteza, geralmente?

Anastacia — Em Paris, senhorita.

Wilma — Ah! então V. Alteza fala muito bem o francez, não? (A condessa Zurbaran e a baroneza Flériot conversam entre si).

Anastacia — Creio que sim.

Wilma — E conhece bem a litteratura franceza?

Anastacia — Não, não conheço tal senhora; com certeza não morava na cidade. (D. Emilia, Wilma e Zuleika contêm o riso).

C. Zurbaran — (que conversava com a baroneza Flériot, vira-se de repente para Anastacia) Já que V. A. conhece o francez, vou falar-lhe nessa lingua tão bella.

Anastacia — Pois por que não?

C. Zurbaran — *Combien de temps avez-vous été à Paris?*

Anastacia — Sim... eu... eu... eu aprendi de outra maneira.

B. Flériot — Talvez ella extranhe a pronuncia, um tanto differente da dos parisienses.

C. Zurbaran — (offendida) Mas sempre me disseram que eu falava tão bem como uma parisiense!

Wilma — V. Alteza talvez goste mais da litteratura ingleza do que da franceza, não?

Anastacia — Oh! sim!...

Wilma — Que felicidade! pois V. A. pode então tirar-me de uma duvida. Escute: eu fiz uma aposta com uma amiga, sobre a pronuncia do nome do celebre poeta Shakespear. Como é que V. A. pronuncia: Schekspir ou Schakspeare?

Anastacia — (atrapalhada) Eu... eu... diria... eu... creio que... se pronuncia Schakspiér.

Zuleika — Muito bem! Esplendido!

D. Emilia — Psiu, menina! (A Condessa Zurbaran e a Baroneza F. falam entre si).

Zuleika — (offerecendo a Genoveva um prato de doces) Sirva-se, Marqueza, sirva-se!

Genoveva — deixa cahir a colher, e, querendo ajuntal-a, cae da cadeira) Ora seja! (Querendo levantar-se, tropeça na cauda e cae de novo).

Todas — Que foi? A Marqueza pisou-se? Que é? Que aconteceu? (Não devem dizer todas a mesma cousa, para que fique natural, e todas devem levantar-se, tratando algumas de levantar Genoveva.)

B. Flériot — (ajudando Genoveva a levantar-se) Marqueza, não se pisou?... Signorina, soccorra sua mãe.

Anna — (idem) Arre! Que pateta!

C. Zurbaran — (rindo) Isto tambem é italiano?

B. Flériot — (offerecendo o braço a Genoveva) Faça o favor, Marqueza!

Genoveva — (levantando-se, furiosa) Deixe-me em paz!, que eu não sou nenhuma queza! Sou uma mulher pobre e honrada, e não quero mais saber de comedias! Deixe-me!, deixe-me! (Põe a cauda no braço e sae.)

CORRESPONDENCIA

Nina. — Não nos é possível attender ao seu pedido, pois o livro a que se refere é um grande logro armado á boa fé dos incautos. Talvez no proximo nº lhe demos outros esclarecimentos.

DOMINIOS DA ESPHINGE

(8º torneio charadistico)

(Julho, Agosto e Setembro)

Tres premios ás vencedoras

59—61) NOVISSIMAS

Nota como ajusto uma photographia — *atrato*

1,2. No altar duas vezes vi a letra do paiz *Arabi*

—2,1,1. Não é boa nota para quem zombava da *Malaria* molestia — 1,1,2. Z. Z.

1) ANCILLA DOMINI

Eugenio e Celina

I.

EM VIAGEM

Correrias e azafamas proprias dos ultimos minutos antes de partir o comboio.

— Ha logares aqui! — Não, cá estaremos melhor!

Duas senhores e tres crianças subiram ás pressas e collocaram-se no compartimento onde só havia um viajante. Este desapparecia quasi todo por detraz do jornal que estava lendo.

— Papae, papae — exclamou um menino debruçando-se á janella e fazendo signaes a um homem ainda moço que parecia procurar alguém dentro dos carros.

— Papae, mamãe, e vóvó, — pensou o viajante do mesmo compartimento, olhando de relance a familia embarcada. — A moça não parece no entanto, mãe dos meninos, é muito nova ainda. — E continuou o passageiro a lér a folha matinal, murmurando entredentes: — Que massada! eu que esperava viajar sósinho!

— Desculpe-me, minha mãe, não ter chegado mais cedo afim de lhes prestar os meus serviços. Não dormi a noite toda e de manha perdi a hora.

— O signal da partida! Adeus, boa viagem. Celina, adeus!

A moça respondeu friamente e com ligeiro toque de contrariedade ás effusivas despedidas d'aquelle parente.

Nesse instante dava o trem o primeiro arranco, pondo-se logo em movimento.

De novo distrahiu-se o leitor do jornal:

— Chama-se Celina! é o nome de minha mãe. Celina! que me importa! pertence ao sexo que abomino. Esta ha de ser como todas. A quem devo eu a grande magua de minha vida? A uma mulher, e note-se a uma boa mulher, que tal era, dizem, a minha madrastra.

Cumpre apresentar aos leitores esse viajante atrabiliario. Era Eugenio Martins, um acerbo pessimista. Tudo lhe parecia imperfeito e torto no mundo, tudo lhe pesava immenso. De ordinario, mais benevolentes são aquelles que no desabrochar da vida mais mei-

guice e ternura encontraram. Dir-se-ia que a grande e ardente affeição que lhes illuminou o berço se expande mais tarde sobre outras almas, em ondas suaves de claridade e calor, e como só hauriram doçura e carícias, são de amor e benevolencia os sentimentos que lhes inspira a humanidade toda.

Tal não se dava porém com o nosso Eugenio.

— Amor, affeição — dizia elle, — palavras bemsoantes em poesia, mas sem significação real na vida pratica. Onde ha bondade e ternura, onde ha dedicação e amizade sinão nos livros? Todos não passamos de egoistas, uns mais, outros menos, todos porém immensamente.

Tal o conceito que da humanidade fazia o nosso heróe.

O pae de Eugenio, casado de novo logo após o primeiro anno de viuvez, desapegou-se inteiramente da criança por causa da segunda mulher.

Não era propriamente má, a madraستا do menino, pelo menos nunca o maltratava, mas era uma dessas pessoas egoistas e ciumentas, que não admittem no ente que unicamente amam nenhum outro affecto por mais puro e natural que seja; a vista de Eugenio lembrava-lhe a primeira esposa do marido, por isso mal podia soffrer a presença d'aquella criança. Desde pequenino foi mandado Eugenio para a casa dos seus avós, aonde raro iam os paes de visita.

Fallecendo os velhos avós do pequeno, voltou este para a casa paterna aos onze annos, um extranho, completamente extranho.

O pae não lhe era carinhoso e ainda menos o era a madraستا, de modo que a alma da criança, qual flôr entreaberta a que falta depois a luz do sol, foi pouco a pouco definhando numa timidez doentia. Julgaram-n'o pouco dotado de intelligencia e deixaram-n'o viver em paz a sua triste vidinha.

Quem poderá comprehender jamais a capacidade que possuem algumas crianças, de soffrerem ás occultas?

Muito altivo para mendigar um affecto que lhe não davam espontaneamente, Eugenio tornava-se cada dia mais reservado e tímido, mas Deus sabe que martyrio intimo padecia!

Quantas noites, em seu quartinho solitario, mordida desesperado os travesseiros para abafar os soluços dolorosos que lhe entumeciam o peito e lhe rasgavam a garganta!

Ha naturezas assim: feitas para muito amor, padecem incomparavel tormento quando não encontram na vida esse affecto ideal, completo, meigo e forte, que Deus depositou nos corações dos paes, como brando reflexo do seu infinito amor.

Eugenio tinha um irmão, e cada vez que em sua presença os paes acariciavam e beijavam o filho do segundo matrimonio, sentia o orphão as implacaveis garras de odio diento ciume a lhe dilacerarem o coração.

Lazaro esfaimado daquelle festim de caricias, por orgulho não acceitou as migalhas

que podiam sobejar do que ao irmão serviam, refugiava-se cada vez mais num mutismõ frio e aparentemente desdenhoso. Por isso, allem de pouco intelligente o acoimavam de desamoroso e secco.

Assim viveu elle desconhecido dos seus mais intimos, sorvendo silenciosamente dôres d'alma quasi intoleraveis naquella tenra idade, sem o minimo consolo, porque Eugenio então não conhecia ainda o supremo Conso-lador de todas as dôres, mesmo das mais secretas e profundas!

Cursava o menino, nesse tempo, aulas num externato qualquer; quando vinha para casa, isolava-se no jardim, onde passava horas e horas extendido sobre a relva a preparar as lições do dia seguinte.

Tanto sentimento recalçado transformou-se em odio naquella alma mal guiada: odiava Eugenio o irmão a quem accusava de lhe ter roubado a affeição do pae, e detestava ainda mais entranhadamente a madraستا. Tornou-se-lhe insupportavel a casa paterna, onde se sentia demais, apenas soffrido por necessidade: por isso pediu ao pae que o internasse em qualquer collegio afim de terminar os preparatorios. No mesmo intuito de fugir ao lar, escolheu mais tarde a academia de S. Paulo para a sua formatura, e desde então viveu sempre afastado dos parentes que residiam no Rio de Janeiro.

Nunca lhes escreveu; olvidar a triste infancia era o seu escopo unico.

Resentida a madraستا pela frieza de Eugenio para com o unico irmão, prejudicava-o o mais possivel perante o pae: «O filho da outra — dizia ella — é ingrato, secco e indifferente, o meu porém, docil, obediente e bom.»

Alguns annos se passaram, quando um dia recebeu Eugenio a communicação do fallecimento do pae.

O coração naturalmente affectivo do joven enterneceu-se com essa noticia: era seu pae, e afinal talvez o tivesse elle amado si não fosse aquella vibora, pensou Eugenio: «Ella foi quem me alienou o coração do pae, serpente insinuante e hypocrita! Tratasse-me abertamente em pé de guerra que o pae havia de se compadecer de mim; mas não, eu é que era sem ternura, alma secca e sem affecto. Santo Deus! quanto amor havia então em minha pobre alma de criança!»

Partiu Eugenio immediatamente para o Rio afim de assistir aos funeraes do pae, mas lá o aguardava a mais cruel das decepções. Leram em familia as ultimas vontades do morto:



Pede-se dirigir os pagamentos e pedidos de assignaturas á casa editora:

LIVRARIA CYSNE, Florianopolis
Rua 28 de Setembro N.º 8.